

não existe
pecado
no lugar
de onde
eu vim

KAIO PHELIPE

não existe
pecado
no lugar
de onde
eu vim

1ª EDIÇÃO

UBERLÂNDIA-MG

2022

sexo da
PALAVRA

Curador: Fábio Figueiredo Camargo

Projeto gráfico: Antonio K.valo e Barbara Caetano

Fotos: Antonio K.valo

Ilustração capa: Barbara Caetano

Catálogo na Publicação - CIP

P538n Phelipe, Kaio.
Não existe pecado no lugar de onde eu vim / Kaio Phelipe. – 1. ed.
Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2022.
112 p. : il.

ISBN 978-65-88010-26-6

1. Literatura brasileira – Miscelânea. 2. Ficção brasileira. 3.
Poesia brasileira. I. Título.

CDD: B869.8
CDU: 869.0(81)-8

Elaborada por Gizele Cristine Nunes do Couto – CRB6-2091

CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim
Ana Maria Colling
André Luis Mitidieri
Andréa Sirihal Werkema
Antonio Fernandes Jr.
Cláudia Maia
Cleudemar Fernandes
Davi Pinho
Djalma Thurler
Eliane Robert Moraes
Eneida Maria de Souza
Emerson Inácio
Flávia Teixeira
Flávio Pereira Camargo
Joana Muylaert
Larissa Pelúcio
Leandro Colling
Leonardo Mendes

Luciana Borges
Luiz Morando
Maria Elisa Moreira
Mário César Lugarinho
Nádia Batella Gotlib
Patrícia Goulart Tondinelli
Paulo César Garcia
Renata Pimentel
Ricardo Alves dos Santos
Telma Borges
Vinícius Lopes Passos

CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo
Leonardo Francisco Soares
Ivan Marcos Ribeiro

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

SUMÁRIO

Prefácio	13
Não entrarei para a história com um sorriso estampado no rosto	19
Linha do tempo em arame farpado	20
Novo terreno para a justiça	22
Cobaias de uma cidade grande	24
O meu lugar é cercado de luta e suor	25
Pitbicha	26
Correspondência para Brenda Lee	28
Em qual lado está o poder de repartir os falsos brilhantes	29
Manual de sobrevivência	31
Temporais amargos	35
EURO-EUA	36
Novo normal	37
História dos clóvis	38
Está nascendo um novo líder	39
Local na seleção	40
Primeiras orações	42
Mum	45
Bença	46
Dona Fátima	48
Nossos futuros fortuitos	49
Bula	50
Estudo sobre os homens da família	53
Diva pop	57
Maria é um dom	58
Educação	59

Minibiografia para orelha de livro I	63
Minibiografia para orelha de livro II	66
Homilia	68
Desobstruir os gemidos da cidade	69
Terra de batismo	70
O carinhoso	71
Maciota	72
Comunhão	73
Onze de julho	74
Barbearia	75
Sob infernais céus azuis (quando a noite é mais noite)	76
Áudio da Lizandra	77
Simbiose	78
Trópico de Câncer	79
Noite de núpcias	80
O alvorecer nas Américas	83
De Realengo a Jarinu	85
Cambiante furta-cor	89
Conversa para o Zé dormir	92
Limiar	94
Os perdedores	97
As coisas feitas para quebrar	99
Mercúrio, Vénus, Marte	100
Saudade	104
A remissão dos pecados	107
Posfácio	111
Agradecimentos	117



Para Laércio Rodrigues de Oliveira
o ladrão de livros.

PREFÁCIO

Estou no Rio de Janeiro e acabo de ler *Não Existe Pecado no Lugar de Onde Eu Vim*, do Kaio Phelipe.

Digo que estou no Rio de Janeiro porque parece que respiro o mesmo ar que o autor respira neste momento e nos tempos em que escreveu o livro.

Me vem várias coisas pela cabeça: o livro é de um esplendor categórico e nauseante.

A náusea nos mobiliza a pensar no inevitável transitar cego que chega a ser a vida.

Dúvidas por toda parte. De uma inevitabilidade cortante, o apaixonamento pelo texto.

É como se eu estivesse caminhando, triste que sou, por um deserto em que a abundância de chuva transformasse a paisagem desértica em campos floridos de espécies raras, o tempo todo.

Ampulhetas que grudam em meu corpo me alertando que a vida passa, os homens surgem, os corações titubeiam e sexo, não deveria, mas fere. Sexo que fere é livro a ser lido, aprendo com o Kaio.

Aprendo coisas que nunca pensei possível entre as linhas. O livro como boia de salvação. Aprendo a ter saudades do que ainda não passou pelo meu caminho, do que não aconteceu.

Imagens lindas se fixam em minha mente pardacenta: esperança para os que conhecem o final da fila. Somos todos do mesmo sangue, feitos à força de muitas e muitas amarguras, às vezes. Algum canto nesse planeta deve, tem que, me pertencer.

Vamos perdendo o mundo aos poucos, como bem nos ensina o autor.

As metáforas da vida são muitas e o autor-homem se apropria delas de forma expandida e visionária muitas vezes.

A página do seu livro, impressa, já é uma subversão que deve fazer sentido. E nos transforma. Que catarse empolgante. Páginas como pedras que são lançadas pelo corpo nosso que nos dizem: apedreja, por favor, mas ama. Ama. Ama. Ama, por favor.

Assumir a coragem que temos de ter para, principalmente quando se escreve, que vivemos amores falidos, fadados ao susto e que estamos muitas vezes em calçadas que não sabemos nomear, será preciso?

Assumir o tédio de uma vida mascaradamente ocupada e notar em nossos corpos transpirantes marcas avassaladoras de sangue que não somem...

Kaio nos pergunta: cadê Deus na chuva?

Cadê Deus na vida. Me ensinaram errado. Sinto.

O meu tracejar na leitura do livro nesse ponto me coloca nu em frente a um espelho roto e não sei de mais nada, nem responder à pergunta dele eu sei.

O que sabemos, afinal, de Deus?

Estou, me parece, do outro lado do planeta. Estou em SP e o Kaio no RJ e sinto que estamos pensando igual, longe e igual. Geograficamente, onde estou e como me comporto?

Em determinado momento, no livro, ele diz: convicções sem esperança não são convicções, são hipóteses. Lidemos com o lúdico então: queremos justiça: o grito preso na garganta. Ou então: balas e Karamázov. Ou então: Deus e o diabo lendo Drummond.

Pertengo às terras realengas como o autor, o livro e Deus e, quem sabe, você.

A certeza que seu pensar sobre a vida e as coisas mudam a partir dessa leitura é patente.

Um homem sempre está apontando (ou será aprontando que li?) pra outro homem. Nos desmascara, por falar em máscara, e nos desnuda e adoramos. Adoramos porque temos essa ancestralidade poética da qual ele nos fala.

Sinto medo de uma morte que não é minha, ele escreve.

A notícia é: todos os poetas sofrem disso, que não é mal nem bem: é.

O sofrimento pelo outro.

Concordo contigo quando diz que nem sempre a verdade é acessível e continua: já menti meu nome inúmeras vezes. Eu não sou quem você pensa que sou. Toda relação entre homens é mais sincera no silêncio. Quietos retemos nossa compostura. As palavras: estão ficando caducas.

A mentira não é antônimo da verdade: é um adereço dela, Kaio. E isso fica evidente em seu texto. Aprendi muito, inclusive no trato com o outro, a gesticular do meu modo, sem pensar nas consequências. Palavra evasiva e corroente.

Vivemos sim, numa orgia quase bíblica de palavras e afetos: cafifas, guanto, ganja, Omegle. Sinais divinos de vida: abstração e questionamento.

Você não quer existir, apenas existir.

Você exige viver, sim, exige. E estende essa exigência para seus amigos personagens. Que nem personagens são: são pessoas.

Não existe, e para que deveria?, comedimento do amor entre homens. É apenas uma fantasia nas linhas nada brandas do autor: tons confessionais.

Num dos textos se fala em permanecer intenso. Como se faz isso?

Vou terminando o livro com uma sensação de estar no começo dele. Afinal, como ele diz: morrer mais uma vez não faz a menor diferença, amor. Antes do final ainda um plano: no quinquagésimo sétimo dia será Dia das Mães.

Planos para uma viagem para quando o mundo acabar.

Quando o mundo acabar, Kaio, meu lindo e talentoso escritor, esteja ao meu lado. Me diga frases de amor que você aprendeu nas ruas de Realengo, de outras bocas e outros tatos. Fale da vida para seus leitores ávidos por estórias e sortilégios.

O mundo não acaba assim.

O mundo não acaba assim.

O mundo não acaba.

Tome suas providências.

José Carlos Honório
Novembro de 2021



Jurei mentiras e sigo sozinho.
Sangue Latino, Secos & Molhados
João Ricardo e Paulinho Mendonça

Não entrarei para a história com um sorriso estampado no rosto

Porque eu não guardei as imagens
Rasguei muitas delas para esquecer coisas que não se esquecem
Uma história não pode ser contada em fragmentos
Preferi me desfazer de todos os registros para o que eu tenho a contar
possa fazer mais sentido
Hoje não guardo uma foto sequer
Ou melhor, no fundo da gaveta
Há um retrato do rosto de cada pessoa que amo
Para caso no futuro eu não consiga descrever suas belezas
Vez ou outra renovo minha coleção.

Me desfiz de algumas imagens porque a maioria só mudava a cidade
ou a posição do fotógrafo
Não tirei fotos de momentos importantes, pois eles tendem a ser
muito tristes
Não tem registro de quando minha casa inundou
Não cabia fotografar amigos que vi no leito da morte
Não deu tempo de puxar uma filmadora quando vi que começavam
uma revolução.

Gostaria de ter guardado uma fotografia que tirei com Ruth de Souza
Mas a perdi em https
Não consegui capturar a emoção que senti em um show do Tom Zé
E não sou bom em bater autorretratos
Saio sempre com a mesma cara
E não tenho fãs para lucrar com likes.

Talvez um dia faça um curso de fotografia
Para poder enxergar através de outros olhares
Acho bonito quando elas estão expostas dentro de um museu ou
quando possuem a chance de salvar alguém da miséria.

Guardo na memória perfumes e fluídos
Há também olhares que nunca me esqueço
Gostaria de ter amigos para poder contar sobre coisas que só eu vi.

Linha do tempo em arame farpado

Em suma,
não há condenação
à violência nacional
aos que cantam
uma vitória
e não salvaram
meus amigos Caio e Léo
e tantos outros
mais de 500.000
brasileiramente fodidos.

Clamo,
em outro século
e mesma terra,
que ainda se mostre a cara
dos que não se comovem
diante de um massacre
e que a história e a educação
resistam aos golpes
e não se esqueçam
os nomes de seus inimigos.

Os que comprovaram
as buganvílias
caindo sobre os cabelos,
o amor contagiante
e a liberdade dos lobos-guarás
sabem
que nesse país
de dores brasileiras
as derrocadas,
cisões,
extinções
e o estado febril das coisas

podem ser passageiros
e as belezas do futuro
voltarão a ser possíveis
aos que se opõem.

A esperança
meu mais valioso poder
talvez
meu último poder
é por ela
cada palavra,
para a vida,
para os que conhecem
o final da fila
e conhecem a batalha,
ainda que ausentes,
sabem que aqui
é uma guerra
e que os escudos
nascerão das reuniões
e conspiram
para que o oxigênio
volte
a ser compartilhado
entre nós.